

Reinaldo Conrad (esq.) e Marcos
Morais Barros, ao lado de suas
mães, embarcam para os Jogos Pan-
americanos de Chicago em 1959,
onde ganharam medalha de ouro

ARQUIVO YCSA

TE CUIDA ROBERT SCHEIDT

65 Anos

DEPOIS DE 23 ANOS DE APOSENTADORIA, O LENDÁRIO VELEJADOR REINALDO CONRAD VOLTA COM TUDO ÀS COMPETIÇÕES, GARANTE QUE ESTÁ NO PÁREO PARA UMA VAGA NAS OLIMPIADAS DE 2012 E BOTA MEDO NOS MAIORES CAMPEÕES OLÍMPICOS BRASILEIROS

POR DÉCIO GALINA FOTOS FELIPE REIS



num papel qual seria a colocação de todos no dia seguinte e deu exatamente aquilo!”

Montreal, 1976. O que aquela garota romena fez nas barras assimétricas e na trave de equilíbrio deixou o mundo abismado. A performance impecável de Nadia Comaneci na ginástica artística rendeu a primeira nota 10 na modalidade e três medalhas de ouro. Nesses Jogos, outro bronze foi parar no peito de Reinaldo Conrad, na classe Flying Dutchman, só que dessa vez competindo ao lado de Peter Ficker. “Lembro que os Estados Unidos contavam com uma estação da Nasa para fazer previsão do tempo. Os canadenses estavam com a aeronáutica passando boletins para outras equipes. Confiamos na previsão deles e nos demos muito mal nas primeiras regatas. Só começamos a reagir quando passamos a usar o nosso método [ele chupa a ponta do dedo e sente para onde o vento está soprando]”, conta Reinaldo. Esse paulistano que carrega no sangue a ascendência de austríacos e alemães participou de outras três Olimpíadas – Roma (1960), Munique (1972) e Moscou (1980) – e largou a vela nos idos de 1985, quando a profissão de desenvolver projetos industriais como engenheiro passou a consumir todos os seus dias. “Não tinha mais sábado e domingo, e comecei a pensar em trabalho quando estava na água – aí já não fazia mais sentido.”

INTELLECTUAL DO IATISMO

Carreira profissional bem-sucedida, nome garantido na história do esporte, hoje Reinaldo, de corpo esguio e ágil, soma 65 anos. Deixou a vida louca de executivo e transformou-se em consultor. Hora certa para virar avô, arrumar os arquivos e tirar a poeira de lembranças em preto-e-branco, correto? Não para ele. Reinaldo acredita que chegou a hora de retornar ao esporte predileto. Mas não uma simples volta para fazer volume na largada de regatas. Ele voltou decidido a vencer, a ser o melhor da categoria. Depois de décadas sem competir, escolheu debutar justamente na seletiva olímpica da classe Star, em fevereiro último, disputada, com unhas e dentes, por duplas encabeçadas por dois monstros do esporte: Robert Scheidt (bicampeão olímpico, oito vezes campeão mundial na Laser, campeão mundial na Star) e Torben Grael (maior medalhista olímpico do Brasil: duas de ouro, duas de bronze e uma de prata). Entre 12 barcos e com apenas duas semanas de treino, Reinaldo ficou com a quarta colocação e viu Scheidt carimbar o passaporte para Pequim, onde conquistaria a medalha de prata.

“Deu vontade de voltar depois de tanto tempo e estou aqui me divertindo”, disse Reinaldo na seletiva. “Consegui o barco emprestado com a Confederação Brasileira de Vela e Motor e arrumei o proeiro André Lekszycki por intermédio de amigos. Meus neurônios estão reaprendendo a velejar. Algumas decisões ainda não são tão rápidas pela falta de ritmo. Com isso, cometi erros bobos. Mas meu projeto não é para agora. Quero retornar às competições e lutar por uma vaga em Londres-2012 ou 2016.” O desafio tem o respeito dos adversários. “Reinaldo é um dos desbravadores da vela brasileira. Abriu caminho para uma geração que transformou a vela no esporte mais vencedor das Olimpíadas. Ele sempre perseguiu a maneira de tirar o

máximo de velocidade de seus barcos”, comenta Robert Scheidt, que ajudou o adversário sexagenário a ajustar o Star para a seletiva. “Fiquei surpreso com o retorno dele para as competições. Mas a vontade dele de voltar a uma Olimpíada só merece louvor, e no esporte tudo é possível.”

O iatista Lars Grael também aplaudiu a iniciativa de Reinaldo. “Cresci respeitando muito o Conrad, pois ele era o grande rival dos meus tios Axel e Eric Schimdt, tricampeões mundiais. Conrad foi um ícone e agora virou símbolo da longevidade no esporte. Antes dele, a maioria dos velejadores competia na base da intuição. Foi ele quem encarou o esporte como uma ciência e, de certa forma, intelectualizou o iatismo. Se ele almeja disputar os Jogos de Londres em 2012, tenha certeza de que vai se empenhar bastante e será competitivo.” Já Torben Grael respeitou o desejo de Conrad, mas não pôs muita fé em suas audaciosas aspirações. “Se der mole, ele abocanha a vaga, mas creio que Conrad não tenha toda essa ambição – acho que ele só está curtindo.”



com 33 anos. “Ele me deu os melhores equipamentos e continuou me incentivando mesmo quando troquei a vela pelo windsurf”, garante Marc, que hoje vive em Ibi-raquera (SC) e sonha ser proeiro do pai na próxima Olimpíada. “Não existe realização pessoal comparável a essa.” A convite da *Trip*, Marc se encontrou com o pai no Yacht Club Santo Amaro para as fotos que ilustram esta reportagem. Depois do almoço, Reinaldo observa a represa pela janela do restaurante e comenta com o filho, Marc: “Olha só... tem vento forte entrando aí...”. Os dois ficam de perfil, em silêncio, com os mesmos olhos claros admirando a agitação das marolas. O insaciável apetite por bons ventos está na cara. A seletiva para Londres-2012 é só uma questão de dias. Os Conrad já estão prontos.

À esq., Reinaldo compete em Chicago em 1959; abaixo, com Peter Ficker, exibindo a medalha ganha na Olimpíada de Montreal em 1976, e com o filho Marc, que quer ser seu proeiro em Londres 2012



No alto, Ernesto Conrad, pai de Reinaldo, que iniciou a dinastia da família nas águas de Guarapiranga; acima, Reinaldo com o proeiro André Lekszycki na seletiva para a Olimpíada de Pequim

México, 1968. Com os punhos cerrados, vestindo luvas pretas, o olhar fixo no chão, os velocistas norte-americanos Tommie Smith e John Carlos transformaram o pódio dos 200 m rasos em uma manifestação dos Panteras Negras contra o racismo que imperava nos Estados Unidos. Graças ao protesto, eles foram banidos da Olimpíada e obrigados a deixar a capital mexicana em 24 horas. Para o Brasil, essa edição dos Jogos no fim da década de 60 foi histórica por outro motivo: ali se iniciou a campanha que transformou o iatismo no esporte que mais rendeu medalhas olímpicas ao país, 16. O mérito coube à dupla formada por Reinaldo Conrad e Bukhard Cordes, que fisgou o bronze na classe Flying Dutchman após uma virada espetacular na última disputa. “Terminamos a penúltima regata em sexto lugar na classificação geral. Para conseguirmos o bronze precisávamos vencer, além de depender de uma ordem de chegada dos adversários”, recorda Reinaldo. “Antes de dormir, escrevi

Qual o segredo para se manter competitivo depois de tanto tempo? “Nunca vou atrás de quem está na frente. Procuo sempre fazer algo diferente. Busco outras soluções. Acho que competitividade tem muito a ver com a criatividade. Comprovei isso na prática também na engenharia, quando projetava indústrias que tinham que produzir mais do que as concorrentes”, ensina Reinaldo. A gana pela vitória veio do pai, Ernesto, um apaixonado por aeromodelismo. “Ele sempre foi inovador e adorava ganhar qualquer concurso de que participava.” Foi Ernesto que levou os filhos Reinaldo e o caçula Ralph para brincar no Yacht Club Santo Amaro, às margens da represa Guarapiranga (zona sul de São Paulo), na década de 50. De Natal, os pequenos Conrad ganharam uma catraia a remo. Mais tarde, começaram a velejar juntos em barcos chamados “pingüins” (embarcação criada por Philip Rhodes, nos anos 30, nos Estados Unidos).

O gosto pelo vento inflando a vela foi devidamente soprado na alma do único herdeiro, Marc Conrad, hoje

